

RECENSÕES

Sandro Gallazzi e Ana Maria Rizzante, *Judite, a mão da mulher na história do povo*. Col. Comentário Bíblico, AT, Vozes/Sinodal, 2001, 1 vol. broch. 135 x 208mm, 143 p.

Sandro já publicou, na mesma Coleção, o comentário ao livro de Ester, *Ester, a mulher que enfrentou o palácio*, em 1987; em parceria com Francisco Rubeaux, publicou, ainda nessa Coleção, o comentário ao Primeiro Livro dos Macabeus, com o subtítulo “Autocrítica de um guerrilheiro”, em 1993; e agora, em 2001, em parceria com sua esposa Ana Maria Rizzante, comenta o livro de Judite, deutero-canônico, como o 1º Macabeus e também a versão grega do livro de Ester.

Quanto aos autores, o texto da contracapa informa que são ambos “agentes da Comissão Pastoral da Terra e, junto aos povos da terra, da floresta e da água, lêem as Sagradas Escrituras, para animar uma resistência teimosa e alternativa diante dos grandes projetos que se vêm implantando na Amazônia. A formação teológica de ambos iniciou-se na Itália, mas adquiriu o tempero latino-americano após vários cursos de aprofundamento e inúmeras assessorias prestadas a grupos populares. Lendo a Bíblia, juntos, buscam manter-se sempre atentos ao protagonismo que vem da margem, da mulher, do pobre, da criança”.

Há muitos anos viemos nos encontrando nas reuniões anuais dos autores do Comentário Bíblico, reuniões onde a contribuição de Sandro é sempre enriquecedora, polêmica, franca, desbravadora de horizontes. Bastante crítico das instituições, suas posições partem sempre do Evangelho, do pobre, da vida. Seu estilo, nos artigos e nos livros, é inconfundível. Embora italiano, suas frases fluem com naturalidade e originalidade, num fraseado que convida à leitura.

O livro de Judite caiu-lhes nas mãos, a ele e a Ana Maria, como uma luva. Novamente citando a contracapa, “a teologia de Judite põe em discussão as visões retribucionistas e messiânicas da teologia oficial. Herdeira e continuadora da teologia profética, guardada com teimosia nas casas e nos corações do povo, sobretudo das mulheres, Judite vai reafirmar com segurança e ousadia: *Eu, hoje, vou fazer algo... e o Senhor vai socorrer o seu povo por minha mão*” (8,32-33).

O Comentário, de 143 páginas, começa com a Introdução de praxe. Nela os autores começam respondendo a duas perguntas: quando e por que foi escrito o livro de Judite. Sem fechar a questão, situam o livro na época macabaica, “particularmente fecunda na produção de textos: o livro de Daniel, os dois livros dos Macabeus, a tradução grega do livro de Ester... e vários textos apócrifos, como o livro dos sonhos que pertence ao livro de Henoc” (p. 10). Para a descrição do contexto histórico dessa época, os autores remetem ao comentário de Sandro ao Primeiro Livro dos Macabeus e à sua Introdução ao texto grego do livro de Ester (p. 10).

Quanto ao motivo do livro, os autores reconhecem que não é fácil identificar com segurança o grupo que o produziu. Mas crêem encontrá-lo no levantamento dos conflitos que subjazem a estas páginas. Nabucodonosor e Holofernes, por exemplo, são figuras simbólicas de Antíoco IV Epífanes (na p. 12 menciona-se equivocadamente Antíoco V) e seus generais, entre os quais o blasfemo e arrogante Nicanor: conflito,

pois, com o imperialismo e o militarismo helenista. Conflito, também, com a hierarquia sadocita de Jerusalém (p. 12): conflito “muito mais subtil”, mas igualmente presente no livro, que termina com uma celebração popular liderada por Judite, não pelo sacerdócio do Templo. Conflito, ainda, com a teologia oficial, com suas visões “retribucionistas e messiânicas”, às quais se contrapõe a teologia de Judite.

Perguntando pelo autor do livro, os autores do Comentário argumentam que, no grupo que o produziu, as mulheres devem ter ocupado lugar de destaque. Isto porque, além do fato de a protagonista da narração ser uma mulher, viúva e sem filhos, com claras funções de liderança, o livro de Judite se insere no conjunto dos “meguilôt” – Rute, Ester, Coélet e Cantares – nos quais a presença das mulheres é decisiva e marcante (p. 16), e isto numa época de acentuada dominação masculina.

Quanto ao gênero literário, o livro apresenta-se como “histórico”, mas evidentemente não o é, dadas as incongruências e inexatidões em nomes, lugares e datas. Deveria o livro ser lido em chave apocalíptica, como sugerem alguns? Os autores preferem o gênero das “memórias populares”, presentes também em Josué, Juízes, Samuel, como também em Rute, Ester, 1 Macabeus, nas quais se expressa uma coerente “teologia da história” (p. 18). Por mim, penso tratar-se de um típico *midrax*: à luz do Êxodo, e à luz também da prodigiosa libertação de Jerusalém (Betúlia = *Betulâ*?) em 701 a.C., por ocasião da invasão assíria de Senaquerib, o autor do livro, na época macabaica, expressa a sua convicção de que o Senhor novamente libertará seu povo... com a novidade: desta vez, pela mão de uma mulher!

A Introdução conclui com a “arquitetura do livro”, claramente construído em duas partes: a primeira, capítulos 1 a 7, marcada pela progressiva presença do mal que se abate sobre a terra e culmina com o desespero dos habitantes de Betúlia; e a segunda, capítulos 8 a 16, que descreve o caminho da libertação do povo sob a liderança de Judite. A primeira parte é subdividida em três blocos (embora, na p. 19, se fale em dois, contra o que traz o Sumário): capítulos 1 a 3 (o imperialismo ameaçador), capítulos 4 e 5 (a hierocracia), e capítulos 6 e 7 (Betúlia no limite da resistência). A segunda, também em três blocos: capítulos 8 a 10 (apresentação de Judite), capítulos 11 a 13 (Judite e Holofernes), e capítulos 14 a 16 (celebração da vitória). E os autores concluem sua Introdução convidando o leitor a “saborear este livro, memória antiga do nosso Deus e de seu projeto de vida e liberdade, e memória permanente do bem que nos faz a mão da mulher” (p. 21).

A partir da p. 23 começa o comentário propriamente dito, perícopes por perícopes, cada seção com seu título interpretativo. Esses títulos, bem pensados, induzem o leitor à leitura que os autores propõem. Assim, por exemplo, o título de 1,1-6: “a luta pela hegemonia imperialista”; ou o de 2,1-27: “o militarismo é a arma da dominação”. Na p. 33, desdobra-se o “domínio total” imposto por Nabucodonosor: é o “domínio político, domínio econômico, domínio social, e domínio ideológico”. A imposição “a todos os povos, línguas e tribos”, de “adorarem a Nabucodonosor como a um deus”, em 3,8, sugere aos autores a evocação de textos paralelos em Daniel e 1 Macabeus (p. 40).

O título geral dos capítulos 4 e 5 é “a hierocracia”, isto é, o exercício do poder pelos homens da religião, no caso, o sacerdócio sadocita de Jerusalém, com o Templo e a Lei. Na p. 44, um comentário característico: “Sem querer exagerar, nem confundir as idéias, podemos dizer que o orgulho sagrado do sumo sacerdote era parecido com o orgulho blasfemo de Nabucodonosor. Os dois consideravam-se representantes de Deus e queriam governar em nome de Deus”... O capítulo 5 é epigrafado como “a teologia

da retribuição”, sintetizada criticamente na p. 56, e da qual os autores afirmam: “Esta teologia só pode funcionar para quem está muito bem instalado. O pobre, o doente, o infeliz, só podem procurar qual o pecado que é responsável por seu sofrimento. E quando esta teologia é aplicada à história dos povos, chega a ser cínica... Esta é a teologia mais útil para os dominadores. Aos dominados, só resta clamar e se penitenciar” (p. 56).

Na p. 75, ao terminarem seu comentário ao cap. 7^o, que descreve a situação extrema de Betúlia, a qual está a ponto de entregar-se ao inimigo, os autores escrevem: “A história chegou ao seu clímax. É só virar a página”. De fato, o capítulo seguinte, com a apresentação de Judite, mostra os acontecimentos tomando outro rumo, pela entrada em cena daquela mulher que não se deixa dominar: “Judite, filha de Merari... filha de Israel” (8,1). No cap. 8,9-36 encontramos “a teologia de Judite” (p. 80), “profetisa e juíza, como Débora” (p. 82). Na p. 86: “Entender a situação de opressão do povo como fruto da culpa do povo é perverter a verdade, é falsificar a teologia. O pobre não é pobre porque é pecador, mas porque ‘os deuses feitos pela mão do homem’ o exploram e oprimem. Deus nunca há de afastar a sua misericórdia do seu povo. A profecia de Judite deslança. A partir desta certeza... ela alcança o ponto central da sua teologia: *E agora, irmãos, mostremos a nossos concidadãos que de nós depende a sua vida. E que em nossas mãos está a defesa do santuário, do templo e do altar*” (8,24).

Na p. 91, os autores nos mostram o contraste entre a Judite do cap. 8^o, ativa e corajosa, discutindo de par a par com os anciãos de Betúlia”, e a do cap. 9^o, que nos aparece “prostrada, com o rosto por terra... humilde diante de seu Deus”. E continuam: “Como Ester, como Susana, como os pobres e as pobres da história, ela sabe que tudo lhe vem de Deus, que a salvação a Ele pertence, mas ela será o instrumento!” Quanto ao sincronismo do v. 9,1b – *era exatamente a hora em que se oferecia o incenso da tarde, no Templo* –, os autores observam: “Precisão de hora, de lugar, de oferta! A hora é a mesma, mas outro é o lugar: a tenda; outra a oferta: sua vida, para libertar o povo. É o novo culto agradável a Javé” (p. 91). Mais adiante, assim é comentada a oração de Judite: “A violência feita a Dina (cf. Gn 34) e a violência planejada contra o Santuário são iguais. O uso do mesmo verbo *bebeloûn* cria esta associação de idéias. Judite está identificando Dina e, nela, as mulheres violentadas e oprimidas da história, com o Santuário profanado pela violência do Império e por uma legislação a serviço de poucos grupos privilegiados, às custas de todo o povo e, sobretudo, das mulheres” (p. 97).

Na p. 99, ao comentarem o esmero com que Judite se enfeita para seduzir Holofernes (10,1-23), os autores recordam, em livros da mesma época, a Sulamita do Cântico, e Rute seduzindo Booz, Ester cativando Assuero, e Susana atraindo e denunciando os juízes de Israel. E prosseguem: “Não se pode tratar de simples coincidência. Tem sabor de polêmica, de conflito. Justamente no momento em que a mulher, por ter corpo de mulher, é vítima de toda uma legislação sacral que a faz permanentemente impura e, por isso, sujeita ao homem, aparece uma literatura diferente onde a mulher, por ter corpo de mulher, torna-se sujeito de salvação para todos” (p. 99).

Na p. 101, assim é comentada a “bênção” dos anciãos da cidade sobre Judite, que sai sozinha de Betúlia (10,6-10): “Se somos capazes de abençoar, devemos assumir! Eles, porém, não saem do lugar. Só ficam olhando... Judite, pelo contrário, mostra que à verdadeira adoração de Deus deve seguir o compromisso”. Na p. 105, o comentário sobre a entrada de Judite na tenda de Holofernes, na qual os autores vêem uma analogia com o santuário de Jerusalém: “A mulher, que nem podia entrar no recinto sagrado,

vai alcançar o lugar mais íntimo da tenda de Holofernes, e vai operar a salvação do povo! A vida do sumo sacerdote Joaquim, dos sacerdotes, dos chefes, depende do corpo bonito de uma mulher!”

No decorrer da entrevista com Holofernes, Judite astuciosamente argumenta com a teologia da retribuição, para assegurar a Holofernes que o próprio Deus vai entregar os filhos de Israel em suas mãos, pois eles, na sua fome, haviam decidido comer o que era reservado aos sacerdotes e levitas de Jerusalém... (cf. 11,12-13). E os autores comentam, com ironia: “Afinal, não há nada que deixe Deus e o rei mais irritados do que ver o povo comer do fruto do trabalho de suas mãos, sem pagar os devidos tributos!” (p. 109).

Na p. 118, o comentário sobre a prece de Judite (13,4-5), antes de ela realizar a sua façanha: “Judite reza. A prece silenciosa, que sai do íntimo do coração, substituiu o grito em voz alta que ela dirigiu a Deus em sua primeira súplica. O conteúdo, porém, é o mesmo: o poder do Senhor Deus de Israel e a mão de Judite estarão juntos. Deus vai socorrer Israel e Judite vai realizar o seu plano. Os inimigos serão derrotados por esta ‘dupla’ indivisível. Esta união vai ‘exaltar’ Jerusalém, muito mais do que todos os sacrifícios oferecidos no Templo”. E a seguir, na p. 119: “A Deus não se pedem milagres, mas força para amar e lutar”.

Na p. 122, os autores comentam a “sucessão de benditos” provocados pelo feito de Judite: “é o bendito do povo (13,17) para Deus, que derrotou os inimigos... e é o bendito de Ozias (13,18-20), que finalmente aprendeu tudo o que precisava saber: o poder de Deus e a mão de Judite não podem e não devem ser separados. Nunca!” E ainda, na mesma página: “A humilhação do povo não é algo que deve ser deixado para Deus resolver. Não. A humilhação, a que o povo está sujeitado, só acaba quando alguém tem a coragem de arriscar a vida”.

Os capítulos 14 a 16 (no comentário, p. 123-143) são a descrição da vitória, agora com a participação do povo, mas ainda sob a liderança de Judite (14,1-4; cf. p. 123). É significativo o modo como se dá o saque do acampamento de Holofernes, segundo os autores: “Os primeiros a se apoderar dos bens abandonados pelos inimigos em fuga não são os soldados: são os ‘outros’ habitantes de Betúlia, isto é, as mulheres, as crianças e os velhos. Os que tinham sido as maiores vítimas do cerco imposto por Holofernes (7,22-23), hoje se locupletam com abundância da riqueza abandonada... Os soldados vêm depois. Ao voltarem da batalha, eles se apoderam do resto. Os abundantes despojos vão para as aldeias e os povoados. É para a periferia e não para o armazém central, é para a vida dos pequenos e não para a manutenção da economia nacional, que servem os despojos dos inimigos” (p. 129).

O livro poderia terminar ali, em 15,7, observam os autores (p. 129). Mas não. O texto prossegue com a vinda do Sumo Sacerdote de Jerusalém até Betúlia, “para ver Judite”. E o comentário prossegue, na p. 131: “Simbolicamente, o Templo e Jerusalém são obrigados a exaltar a mulher. A ‘casa da mulher’ é o novo centro desta liturgia de bênção: *Tu és a glória de Jerusalém...*” (15,9). E continua, mostrando o contraste entre a cena final do livro do Sirácida, que descreve a liturgia solene do sumo sacerdote Simão, no templo de Jerusalém, com o povo prostrado para receber sua bênção (Sir 50,5-21), e esta liturgia popular de um povo alegre e livre, celebrando *as coisas boas que o Senhor concedera a Israel* (15,8) e que Judite realizou (15,10). Contraste igualmente entre a visão machista do mesmo livro do Sirácida, “produto do templo e da Sinagoga”... (p. 131), e esta exaltação triunfal de Judite. A propósito do “desprezo e arro-

gância” com que o livro do Sirácida trata a mulher, exponho uma opinião mais abrangente, penso, da questão, no meu comentário a esse livro: Ney Brasil Pereira, *Sirácida ou Eclesiástico, A Sabedoria de Jesus, filho de Sirac*, col. Comentário Bíblico, AT, Vozes/Sinodal, 1992, p. 128-134.

O cântico de Judite (16,1-17) – escrevem os autores na p. 134 – continua “a tradição de Miriam e de Débora, mulheres profetisas, que conduziram a festa do povo que celebrava as maravilhas e as vitórias do nosso Deus”. Nesse cântico, “pela décima, e, agora, última vez, o texto fala da ‘mão’ de Judite (16,5), que Deus todo-poderoso usou para ‘confundir’ os inimigos” (p. 135). Ainda no cântico (16,16), a denúncia do sistema sacrificial: “O tamanho dos sacrifícios e holocaustos é assim reduzido a ‘micro’: pequeno, uma ‘coisinha de nada’, ainda por cima ‘insignificante’. ‘Mega’ mesmo, de tamanho visível e exemplar, ‘mega’ para sempre, é quem teme o Senhor: quem põe sua mão a serviço do seu projeto de vida e de justiça” (p. 137-138).

Quanto a falhas no texto, de redação ou revisão, poucas. Anotei as seguintes: 1) na p. 12, na quarta alínea, trata-se de “Antíoco IV Epífanes”, não “Antíoco V”; 2) na p. 17, na primeira alínea do ponto 7, “estilo do texto escrito quase *todo*”, não “quase todos”; 3) na p. 21, na última alínea, sugiro uma vírgula após “seu projeto de vida e liberdade”; 4) na p. 44, também sugiro uma vírgula na formulação do ditado popular: “mande quem quiser, o povo...”; 5) na p. 54, na alínea sobre a terra de Canaã, falta o pronome objeto: “Ninguém *a* vai tirar dele”; 6) na p. 55, na segunda alínea, se o “por que” é afirmativo, como parece, deve ser ligado: “Porque...”; 7) na p. 56, na segunda alínea, em vez de “judaitismo” deve ser, penso, “judaísmo”; 8) na p. 58, pelo meio da página, seria melhor identificar o profeta Miquéias, acrescentando “Ben Imlá”, ou “filho de Jemla”, como se lê na BJ, 1Rs 22,9; 9) na p. 76, na terceira linha, o significado de “Judite” é, antes, “a judia” que “a judaíta”; 10) na p. 80, na metade da página, “Deus sempre *ouve* o grito”, não “houve”; 11) na p. 91, em cima: “Chegamos *ao* coração *do* livro”, não “no coração no livro”; 12) na p. 100, o texto atribuído a Jerônimo, na Vulgata, não se encontra na Nova Vulgata; 13) na p. 101, na terceira alínea, dever-se-ia melhorar o fraseado: “...as palavras que me *dissestes*”, não “disseste”; “as *vossas* ordens”, não “as suas ordens”; e “não ordenaram nada a não ser que ela orasse para Deus mandar chuva”, em vez de “a não ser *dela* orar...”; 14) na p. 106, na última alínea, “Holofernes se arvora *em* juiz”, não “a juiz”; 15) na p. 107, na penúltima alínea, faltam vírgulas após “Deus, centro do universo, vivo e...”; 16) na p. 121, pela metade da página, “Holofernes, que pretendia *dominar* a terra”, não “libertar”; 17) na p. 129, na alínea sobre “o acampamento de Holofernes”, leia-se “*transformado*”, em vez de “transformado”; 18) na p. 131, na terceira alínea, vírgula após “Aarão, o primeiro...”; 19) na p. 132, na segunda alínea, vírgula após “e, por fim, o templo...”

Termino esta recensão, feita com prazer e proveito, após ter realizado o que os autores dizem no final da sua Introdução (p. 21): Realmente “saboreei” este comentário ao Livro de Judite, “memória antiga do nosso Deus e de seu projeto de vida e de liberdade, e memória permanente do bem que nos faz a mão da mulher!”

Pe. Ney Brasil Pereira

ITESC, C.P. 5041

88040-970 Florianópolis, SC

e-mail: neybrasi@terra.com.br